

Ao escrever para colegas do Brasil e da França, Oswaldo Cruz discutia a produção de vacinas e a pesquisa de doenças tropicais



Depois de dois anos estudando em Paris, o médico Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) voltou ao Brasil em 1899 e teve uma agenda cheia. Em outubro desse ano ele foi chamado para ajudar a conter um surto de peste bubônica em Santos, no litoral paulista. Em 1900, começou a construir na cidade do Rio de Janeiro um instituto que depois ganhou seu nome e se transformou em uma das principais instituições de produção de vacinas e de pesquisa do país. À frente do Departamento de Saúde Pública, ele combateu as epidemias de febre amarela e varíola, ganhando prestígio nacional e internacional, até a saúde debilitada fazê-lo se mudar para Petrópolis, na região serrana do estado do Rio, onde foi prefeito por alguns meses (ver Pesquisa FAPESP nºs 294 e 298).

Além dos relatórios e dos artigos científicos, as ideias, o dia a dia e a trajetória profissional de Oswaldo Cruz estão refletidos nas 342 cartas que ele escreveu para a família, 583 para instituições públicas e outras 259 trocadas entre ele e outros cientistas de outubro de 1899 ao fim de 1916, quando renunciou ao cargo de prefeito de Petrópolis por estar com a saúde bastante frágil.

Reexaminadas em razão dos 150 anos de seu nascimento, completados em agosto, as cartas mostram não só a preocupação em mandar notícias para a família, principalmente para a mulher, Emília

Correspondência de Oswaldo Cruz espelha a articulação entre médicos e a formação de instituições de saúde no início do século XX

Carlos Fioravanti

da Fonseca Cruz (1873-1952), que ele chamava de Miloca ou Miloquinha e a quem pedia conselhos sobre as decisões que deveria tomar. Quando dirigidas a colegas médicos da cidade do Rio, então capital do país, ou de São Paulo, a correspondência revela o esforço para desenvolver novas tecnologias para a produção de soros e vacinas, então uma prioridade do país.

“A correspondência pessoal dá pistas da rede de interlocutores com quem Oswaldo Cruz moldava o Instituto Soroterápico, que ele começou a construir em 1900, para dar conta de ensino, pesquisa, produção e, a partir de 1909, assistência médica, que são seus pilares institucionais até hoje”, comenta a historiadora Ana Luce Girão Soares de Lima, da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC-Fiocruz). “Aos cientistas da França e da Alemanha, com os quais também trocava cartas, ele mostrava que estava à frente de uma área de pesquisa, as moléstias tropicais, mas abria as portas para colaborações científicas, das quais muitas se concretizaram.” Segundo a pesquisadora, ele sabia valorizar o que tinha, pois os colegas europeus pediam amostras de sangue de pessoas com malária ou insetos transmissores.

“A divulgação dessa e outras correspondências entre cientistas poderia ampliar o conhecimento sobre o fazer científico no Brasil, suas práticas, realizações

e vicissitudes”, comenta Marcos Antonio de Moraes, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), autor de *Orgulho de jamais aconselhar. A epistolografia de Mário de Andrade* (Edusp, 2007) e de um levantamento de títulos de edições de cartas relativas ao Brasil, atualmente com 331 obras (ver Pesquisa FAPESP nº 262). “As cartas têm uma dimensão pessoal, pulsante, exprimindo afetos, amizades e rivalidades, mas refletem também a memória coletiva, espelhando ideários, ideologias e dimensões sociais e políticas do cotidiano. Cartas são gestos de sedução afetiva ou intelectual, por meio das quais o missivista constrói diferentes figurações pessoais diante de seus destinatários.”

Cartas entre cientistas podem fornecer detalhes preciosos para entender a complexidade dos fatos científicos, argumentam as historiadoras da ciência Maria Margareth Lopes e Silvia Figueirôa, ambas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em um artigo publicado em 2003 na revista *Anais do Museu Paulista*. Nesse trabalho, elas examinaram a correspondência entre o geólogo norte-americano Orville Derby (1851-1915) e o zoólogo Hermann von Ihering (1850-1930) ao longo da criação do Museu Paulista. “Por serem depoimentos produzidos em contextos par-

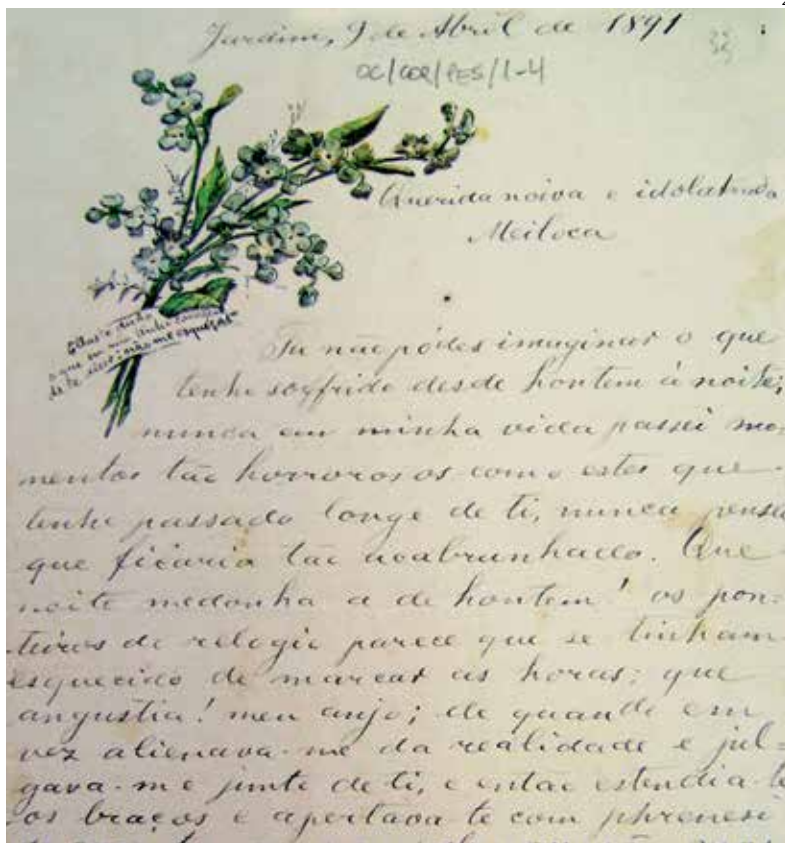
ticulares, as cartas não devem ser vistas como verdade inquestionável, mas confrontadas com outras fontes históricas, como documentos oficiais e registros da imprensa”, recomenda Moraes.

Em 1900, assim que voltou de Santos, Cruz começou a trabalhar como diretor técnico no Instituto Soroterápico, que depois ganhou seu nome e se tornou uma fundação. Ao mesmo tempo, em São Paulo, o médico mineiro Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950) instalava no então chamado Instituto Bacteriológico um laboratório para a produção de soro contra a peste bubônica (ver Pesquisa FAPESP nº 300). Os dois trocaram cartas descrevendo as dificuldades que enfrentavam.

Em uma carta de 10 de março de 1900, Vital Brazil contava que a instalação de seu laboratório continuava “paralisada pela má vontade dos que governam: aparelhos encaixotados, material estagnando-se e um veterinário vencendo ordenado sem fazer coisa alguma! É bem triste ver como são tratadas as cousas que interessam à ciência em nosso país”. A construção da cocheira e do laboratório estava atrasada, mas os experimentos de imunização de animais por meio de culturas mortas da bactéria *Yersinia pestis*, a causadora da peste bubônica, iam bem. Por fim, ele pediu um favor: “Oswaldo Cruz, poderia mandar comprar e enviar 40 ou 50 cobaia [ou porquinhos-da-índia, então usados no



O médico e a mulher, a quem escrevia bastante, chamava de Miloca e pedia conselhos sobre as decisões que deveria tomar



Butantan, 5 de Junho de 1900

Querido Amigo Barbaldo

Com grande atropo recebi a tua prezada cartinha, datada do dia 13 do mez proximo passado. Agradeço te penhoradissimo o trabalho que te assiste em a fallar ao Sr. Moreira Brasil sobre as coisas que te havia recommendado. Dito, entretanto, prevenir-te que até a presente não recebemos, nem cobramos nem aviso algum do Sr. M. Brasil. Não que po que te recommendes, faço-te apenas, este aviso porque pode ter-se dado algum trabalho.

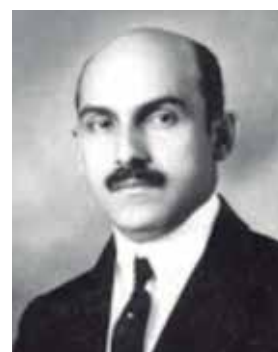
Vital Brazil contava para o amigo do Rio as dificuldades para produção de soros e vacinas em São Paulo



5

não leve a mal esses pequenos reparos feitos, da "alte Liebe" por Maquinhos e da minha incorrigível fraqueza.

Seco que o especial obsequio de apresentar os meus respeitosos cumprimentos a sua Ex^{ta} família de transmitir cordiais saudações a todos os companheiros do Instituto e de aceitar as mais sinceras expressões de inabalável estima e admiração de sempre agra decido Rocha Lima.



6

Rocha Lima avisou sobre um congresso em Berlim, no qual Oswaldo Cruz ganharia o primeiro prêmio com sua campanha contra a febre amarela

lugar dos atuais camundongos]? Muito difíceis de encontrar em São Paulo”.

Em novembro de 1900, por sua vez, Oswaldo Cruz contou a Vital Brazil que poderia lhe detalhar, caso interessasse, as modificações que havia implantado para a produção da vacina contra peste, com bons resultados: “Já infectamos culturas vivas em alguns cavalos e tivemos a satisfação de verificar nesses animais que o bacilo da peste desaparece do sangue antes de decorridas 24 horas”. Em seguida, ele agradecia o envio de um veneno, provavelmente de serpentes, que Vital Brazil começava a estudar, dizia que faria os estudos químicos e pedia uma cultura de *Mycobacterium tuberculosis*, causadora da tuberculose em pessoas.

Responsável por um laboratório de virologia em um instituto de Hamburgo,

na Alemanha, o patologista Henrique da Rocha Lima (1879-1956) escreveu para avisar de um congresso internacional de higiene que seria realizado em Berlim em 1907 e do qual, ele sugeria, Oswaldo Cruz deveria participar para expor o combate bem-sucedido contra a febre amarela no Rio de Janeiro. Ocupado com o instituto e a Diretoria Geral de Saúde Pública, Oswaldo Cruz lhe deu pouca atenção, mas Rocha Lima insistiu até sua proposta ser aceita.

Premiado no congresso na Alemanha com a medalha de ouro, o médico brasileiro obteve grande visibilidade e começou uma viagem de quatro meses pelo exterior. Parou em Londres, Paris, Nova York, onde se deslumbrou com os arranha-céus e os trens subterrâneos, e em Washington se encontrou com o então presidente Theodore Roosevelt (1858-1919).

As cartas retratam a descoberta da doença de Chagas em 1909, pelo médi-

co mineiro Carlos Chagas (1879-1934), e as viagens pelo Norte do Brasil lideradas por dois médicos baianos, Artur Neiva (1880-1943) e Belisário Pena (1836-1906). “Nas primeiras décadas do século XX, o conceito de saúde era central para a construção da nacionalidade”, conta Lima.

Em sua dissertação de mestrado defendida em 2017 na Universidade Federal Fluminense (UFF), a arquivologista Camila Mattos da Costa examinou os códigos sociais e a influência dos manuais de etiqueta do fim do século XIX ao início do XX por meio de 21 cartas de amor trocadas entre Oswaldo Cruz e Emília e outras 31 entre o jurista Rui Barbosa (1849-1923) e sua mulher, Maria Augusta Viana Bandeira (1855-1948). Em papéis com desenhos de flores, os dois homens declaravam a saudade a suas respectivas mulheres. “Miloca!”, escreveu certa vez Oswaldo Cruz a Emília, “é esta a palavra que careço de ouvir a todo instante”. ■